

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

ESTILHAÇOS E PURPURINAS: APRESENTAÇÃO AO DOSSIÊ HISTÓRIAS E MEMÓRIAS LGBTQIA+ NAS CIDADES

Alberto Alexadre Schimitz II
Leandro Franklin Gorsdorf
Mariana Galacini Bonadio
Raissa Micheluzzi Ferreira
Remom Matheus Bortolozzi

Produzir um dossiê sobre memória LGBTQIA+ e cidade é mais do que reunir textos: é afirmar um gesto político e poético de resistência, situando o que está em jogo quando falamos de corpos, espaços e histórias. É tecer linhas de vida, perdas e resistências que atravessam ruas, corpos e instituições. É entrelaçar agenciamentos individuais e coletivos, comunitários e institucionais; é pensar o material e o imaterial, aquilo que por vezes é apagado mas sempre insistente, configurando os espectros ausente-presentes que nos rondam. Esses rastros, feitos de silêncios e lampejos, não apenas reconstroem passados, mas também orientam os imaginários possíveis de futuro, abrindo brechas para que cidades outras possam ser memoradas e sonhadas.

Desde os anos 1980, já encontramos iniciativas de construção de uma história política homossexual no Brasil narrada por pessoas das próprias comunidades (Trevisan, 1986), bem como o uso da memória como instrumento político diante da epidemia de HIV/Aids (Bortolozzi, 2019). Esses movimentos inauguraram um campo de disputas simbólicas e políticas em torno da memória. No entanto, foi apenas na última década que se assistiu a uma verdadeira eclosão de produções culturais e científicas sobre História e Memória LGBTQIA+ no país. Nesse período, ampliaram-se acervos e arquivos públicos e comunitários, consolidaram-se políticas de museologia social e cresceu a sensibilização quanto à preservação e difusão da memória LGBTQIA+ brasileira. Multiplicaram-se também os museus e pontos de memória, ao lado da produção de pesquisas, da catalogação em acervos públicos e de curadorias de exposições que passaram a abarcar as diversidades sexuais e de gênero, conferindo maior visibilidade às memórias e às produções culturais LGBTQIA+.

A consolidação do campo de estudos sobre História e Memória LGBTQIA+ no Brasil foi acompanhada por debates conceituais que ampliaram a crítica historiográfica, questionando

a ideia de uma “história única” e evidenciando a parcialidade da memória pública – frequentemente marcada pelo apagamento das complexidades interseccionais de raça, gênero, nacionalidade, classe, entre outras (Ramirez, 2010). Essa crítica, contudo, não se limita ao plano teórico: ela orienta caminhos metodológicos e práticos que nos convocam a realizar uma verdadeira arqueologia das presenças e dos apagamentos, cruzando passado e presente para reinscrever as múltiplas vozes que narram a história. Nesse sentido, registros, indícios, arquivos, acervos, imagens, relatos e materialidades LGBTQIA+ tornam-se instrumentos potentes para vitalizar a memória urbana, revelando a pluralidade de experiências e suas diversas formas de produção cultural e científica.

Como lembra João Silvério Trevisan (2000), é a partir desses vestígios – ‘trapos’ ou estilhaços da cultura LGBTQIA+ – que se torna possível narrar acontecimentos e analisar contextos históricos. Tomar esses fragmentos como matéria de análise configura uma metodologia de recomposição fragmentária, que Alvarez Jr. (2015) denomina ‘achar purpurinas nos escombros’. Trata-se de um gesto investigativo e criativo que permite recontar histórias silenciadas e subalternizadas, compondo um quadro mais complexo e heterogêneo a partir do qual podemos repensar coletivamente os desafios do presente.

Na prática, essa orientação metodológica se concretiza ao reorganizar o discurso sobre e das cidades por meio da montagem desses trapos, estilhaços e purpurinas, produzindo uma verdadeira cartografia dos afetos. Essa cartografia tensiona temporalidades e espacialidades, abrindo fissuras na tessitura urbana para novas possibilidades de rememoração. Outro lugar fundamental dessa produção cartográfica são os corpos LGBTQIA+, entendidos como arquivos vivos – ou arquiviventes (Bourcier, 2021) – que escapam à captura da história oficial e linear, inscrevendo a memória em gestos, práticas culturais, modos de sociabilidade e estratégias de resistência. Corpos carregam marcas e transmitências que não cabem nos acervos documentais, expandindo as fronteiras do que reconhecemos como patrimônio e arquivo.

Assim, a crítica historiográfica se desdobra em uma prática ampliada de preservação e transmissão que articula arquivos formais e memórias encarnadas como dimensões complementares de uma mesma política de memória. Essa concepção aponta tarefas para pessoas pesquisadoras, ativistas, educadoras e instituições – como cuidar dos vestígios, estimular a escuta, criar espaços de circulação e reconhecer que a cidade e os corpos que a habitam são arquivos em movimento, sempre incompletos e em disputa –, orientando diretamente a proposta deste dossiê.

Este dossiê constitui um esforço coletivo para enfrentar apagamentos, recompor fragmentos e afirmar a potência criativa das memórias LGBTQIA+. Nos artigos reunidos neste dossiê, a memória LGBTQIA+ pulsa, respira, invade ruas, corpos, jornais e revistas, visibilizando especificidades locais em diálogo com a historiografia nacional, bem como os múltiplos modos de existir, resistir e rememorar nas cidades.

A memória LGBTI+ se inscreve em performances urbanas e culturais e em espaços simbólicos e midiáticos, desafiando expectativas e normas de gênero, e construindo sentidos de pertencimento. Nas performances urbanas, encontramos a trajetória de Silvetty Montilla, narrada por Everton Viesba em *“Brilho, resistência e memória urbana: a drag queen como ícone do movimento LGBTQ+ - estudo de caso sobre Silvetty Montilla”*. Ao ocupar palcos, boates, mídias e a própria cidade, Silvetty revela como a performance é pedagogia urbana, denúncia e resistência, produzindo visibilidade, pertencimento e memória insurgente que resiste à lógica do apagamento.

A tradição e a festa popular, por sua vez, tornam-se espaços de empoderamento queer nas quadrilhas juninas de Barreiras/BA, autobiografadas por Diego Cristiano Cedro Silva em *“O empoderamento queer nas quadrilhas juninas do município de Barreiras-Bahia”*. Ali, território, história e relações de poder se entrelaçam, permitindo que lideranças LGBTQIA+ surjam, se afirmem e construam narrativas que reivindicam existência, enquanto participantes se constituem como sujeitos dissidentes dentro da própria comunidade. Do nordeste ao sul, a cidade de Curitiba/PR se reconfigura, em movimento, nos percursos de memória relados em *“Percurso de memória LGBTI+ de Curitiba/PR”* pelo olhar de seus(suas) caminhantes” de João Vitor Vakiuti, André Luiz Justus Czovny, Anne Hellen Hoffmann, Gabrielly Fortini Fernandes, Lucas Moreira, Sarah Geovana Gomes de Matos e Taíssa Albertina de Nadai. De caminhada a gesto político, cada rua, esquina e ponto de socialização se inscreve como memória, conectando experiências individuais e coletivas, e reafirmando que cidade e sujeito se (re)constroem mutuamente, em um tecido de afetos, histórias e resistências.

Entre os jornais e revistas, o registro da diferença e da dissidência torna-se memória. Em *“Espaços de sociabilidade e vivências dissidentes de gênero e sexualidade: entre cidades e as páginas da Revista Rose”*, de Guilherme Fonseca Trindade de Abreu, Gabrielly Fortini Fernandes, Maria Alice Veiga de Oliveira, Isadora Cristina Borges e Remom Matheus Bortolozzi, a Revista Rose é a protagonista da memória. As autorias demonstram como a Rose se consolidou como um espaço simbólico de acolhimento e pertencimento para corpos marginalizados, possibilitando a troca de experiências, dúvidas e desabafos, em um cenário marcado pela censura e pela escassez de espaços físicos de sociabilidade para as dissidências. Já a imprensa paraense dos anos 1990, discutida por Alana Albuquerque de Castro em *“‘Sair do armário pode ser perigoso’: estigmas e representações das homossexualidades na mídia paraense nos anos 1990”*, revela a tensão entre visibilidade e estigmatização: ironia, espetacularização e preconceções atravessam discursos, marcando o imaginário coletivo sobre corpos dissidentes e evidenciando os limites impostos à liberdade sexual no contexto amazônico da década de 1990.

A pluralidade de experiências e a diversidade de trajetórias são centrais para compreender os desafios contemporâneos. O artigo *‘Ei, qualira, corre aqui que o babado é*

certo': articulações e desafios do movimento LGBTQIAPN+ no estado do Maranhão", de Ian Moura Martins e Marcos Nicolau Santos da Silva, evidencia, a partir das experiências do movimento LGBTQIAPN+ maranhense, como a memória não se reduz a uma narrativa única. Em um cenário marcado pelo conservadorismo, fragmentação interna e invisibilidade, os autores mostram que é necessária articulação, descentralização, políticas públicas, investimento e, sobretudo, escuta atenta para fortalecer o movimento e reconhecer a pluralidade de experiências. Complementando essa perspectiva, no relato de experiência de Rafael Cardoso Gomes em *"Entre vivências e percepções: um relato sobre um espaço cultural de acolhimento para a bicha preta periférica"* percebe-se o efeito da raça, do gênero, da classe: o viado preto experienciando fragilidade, subalternização, mas também resistência e potência. Ali, oralidade e escuta ativa se tornam armas, estratégias de sobrevivência, afirmação de existir e de narrar-se, ampliando a memória da experiência negra, periférica e dissidente.

Do prazer que tivemos em organizar este dossiê, nasce o convite a todes para mergulhar nos artigos e perceber a memória LGBTQIA+ como força viva e insurgente, capaz de pulsar nas ruas, atravessar revistas e jornais, brilhar em palcos e festas, e se inscrever nos percursos que reinventam a cidade e a vida. Entre performances, quadrilhas, trajetos urbanos, mídias, essa memória se revela plural, fragmentária, interseccional, atravessando tempos, corpos e espaços. Ela nos ensina a recompor fragmentos, tensionar apagamentos, inventar pertencimentos. A memória LGBTQIA+ é uma história que resiste, que grita, que dança, que caminha e nos lembra: para pensar o futuro das cidades, é preciso olhar para os estilhaços e, neles, achar as purpurinas.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ JR. Eddy Francisco. **Space, identity, and memory in queer brown Los Angeles: finding sequins in the rubble**. [Tese]. Santa Barbara: Universidade da Califórnia, 2015. 396 p.

BORTOLOZZI, Remom Matheus. Mosaico de Purpurina: revisitando a História do Movimento LGBT no Brasil. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 691-695, jul./set. 2019.

BOURCIER, Sam. Les politiques de l'archive vive. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. l.], v. 3, n. 12, p. 7-21, 2021. DOI: [10.31560/2595-3206.2020.12.12093](https://doi.org/10.31560/2595-3206.2020.12.12093). Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/12093>. Acesso em: 6 set. 2025.

RAMIREZ Horácio N. Roque. Gay Latino histories/dying to be remembered: Aids obituaries, public memory, and the queer Latino archive. In: PÉREZ, G. M.; GURIDY, F.; BURGOS, A. (Orgs.). **Beyond El Barrio: everyday life in Latina/o America**. New York: NYU Press, 2010. p. 103-128

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia até à atualidade**. São Paulo: Max Limonad; 1986.

TREVISAN, João Silvério. Paraíso perdido, paraíso reencontrado. In: TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 429-69.